

Para os meus irmãos, os amo para sempre.

Prólogo.

Eu não conseguia descrever a intensidade dos meus sentimentos naquele momento, talvez devido a minha privação de sono dos últimos dias, ou então por causa de eu estar me alimentando de macarrão e banana há dois anos. Enfim, o doutorado.

O fato é que eu, finalmente, iria conseguir ser enxergada naquela instituição. Não era uma novidade para ninguém daquele departamento que eu estava passando dias enfiada no laboratório, saindo extremamente tarde do MIT sem ganhar um real e comendo comida de máquina pelo menos uma vez ao dia. Por favor, não se assuste, o mundo acadêmico não é tão ruim... Exceto se você for mulher.

Passei um ano inteiro investindo em minha pesquisa de Anomalia Gravitacional, e depois de passar tudo para um artigo de cinquenta e quatro folhas e pedir a opinião de Alex, Neil, Luke e, mesmo que fosse inútil, Katie, creio que estava pronta para mostrar para a instituição. Cheguei a enviar para meu pai também, mas tudo o que recebi foi um “Minha menina da ciência” junto com três corações e um emoji de telescópio.

Eu caminhava feliz pelos corredores, e tenho certeza de que muitos ali achavam que eu estava sob efeito de entorpecentes, pois sorria sozinha a todo tempo. Bom, talvez eu realmente estivesse, já que recentemente Neil havia iniciado seu novo projeto de doutorado com um

cara chamado Jerry Da Erva, e levando em consideração que morávamos juntos...

Andava em direção ao laboratório de física lunar, onde Daniel costumava ficar no período da manhã. Ele era muito bom, e digamos que sua ajuda fora muito bem aceita por mim, mas jamais o diria. Hawthorne, além de claramente me odiar, era o típico homem branco, e claro que não lhe faltavam oportunidades ou pessoas inflando seu estúpido ego.

— Ei, Daniel, estava indo mostrar o artigo para os superiores. Vem comi... — Começo a falar antes mesmo de entrar no laboratório, notando posteriormente que havia mais dois professores na sala, contando com o Dr. Carter, diretor geral. — Ah, desculpa interromper. — Hawthorne parecia surpreso ao me ver ali, e sua feição estava chateada, cansada. Ele tinha as sobrancelhas juntas e a veia em sua testa saltada.

— Annie, que bom que está aqui! Muito legal ter contribuído com o artigo do Dr. Hawthorne. — Muitas coisas naquela frase me incomodaram, como por exemplo: Carter me chamar de Annie, mas nomear Daniel como doutor, mesmo ele estando no mesmo período de curso do que eu. E claro, a pior delas estava bem no início daquela fala...

— Contribuído? — Minha voz saí em meio de uma breve risada.

— Bom trabalho. — O outro professor sorri, me entregando a cópia impressa do *meu* artigo.

Meus olhos caem para as últimas palavras da folha, as únicas que não foram escritas por mim.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão à renomada instituição Massachusetts Institute of Technology (MIT) pelo apoio institucional fornecido durante a realização deste estudo. O ambiente acadêmico e os recursos disponibilizados pelo MIT foram fundamentais para o sucesso desta pesquisa.

Quando leio as últimas palavras, meus olhos lacrimejam instantaneamente, minha boca se abre e não tenho forças para encarar Daniel. Talvez eu nunca mais tenha.

Ouçõ a porta do laboratório se fechar, e só então percebo que os professores já haviam se retirado. Como se meus olhos também tivessem entendido, enfim libero as lágrimas presas.

— Annie...

— Não. — Minha voz saí como um soluço. Eu queria xingá-lo, o atingi-lo bem em seu rosto ridiculamente simétrico e gritar tão alto até que aquelas paredes velhas caíssem e destruíssem aquela folha em minhas mãos trêmulas. Mas, como se eu fosse uma criança, só consigo perguntar em voz baixa e chorosa. — Por que você fez isso?

— Annie, eu não...

— Não. Não diga nada. — Balanço a cabeça freneticamente, enfim tirando os meus olhos do artigo

e o encarando. — Nunca mais. Nunca mais diga nada para mim.

— Por favor, me deixe explicar o que aconteceu, Annie. Você não está pensando direito.

— É Dra. Harrison. — Eu joguei o papel na bancada, limpei meus olhos naquele jaleco de material ruim e me viro.

Seria a derradeira vez que falaria com ~~Daniel~~. Com o Dr. Hawthorne.

Daniel Hawthorne

Cientista Principal

Massachusetts Institute of Technology (MIT)

Capítulo Um.

Desde muito jovem, eu comecei a questionar a existência do mundo e dos seres que o habitam. Aos nove anos, já era uma decepção para o meu pai. Afinal, o pesadelo de todo homem com uma fé maior do que ele é criar alguém sem fé alguma.

Mas, devo esclarecer, eu tenho fé. Tenho fé que a ciência está certa, e após a morte, tudo o que ganhamos são bichos comendo nossos corpos e aquele cheiro horrível.

Quando criança, por volta dos cinco anos, eu imaginava a morte como aqueles desenhos animados, com um capuz preto e um machado. Mas ao aprender a ler, minhas crenças, junto com minha imaginação, desapareceram. Talvez essa seja a única consequência do aprendizado que me deixa infeliz; quanto mais se aprende, mais percebe a quantidade de mentiras que já contaram a você.

"Ficar sem meias causa resfriado." "Comer manga com leite traz a morte." "Se ficar com o pé para fora do cobertor, o bicho papão pega." E claro, a que mais me infernizou durante a infância, "Se for desobediente, o Papai Noel te coloca na lista dos malvados." Estou esperando até hoje as tias fofoqueiras na lista dos malvados, mas elas continuam ricas e morando em Miami. Qual é, Papai Noel?

Nem sempre ser cética traz vantagens; na verdade, são poucas as vezes que isso acontece, principalmente

quando se vem de uma família religiosa. Meus parentes me odiavam. Na véspera de Ano Novo, eu fazia questão de lembrar que, do ponto de vista astronômico, nada de especial acontece no dia 31 de dezembro para dizer que é aqui que termina o ano, tampouco nada de especial acontece no dia 1º de janeiro para dizer que é quando começa. No Natal, fui a primeira a contar para os meus primos que o Papai Noel não existia e que eram seus pais que lhes davam os presentes, em uma data que só foi criada como desculpa para a economia do país subir e os comércios venderem mais.

Vendo agora, eu realmente era insuportável. Mas quando se é uma criança incompreendida, tudo o que se quer é fazer com que os outros lhe entendam. Nem sempre dá certo, nunca deu, na verdade.

Posso dizer que, na adolescência, fui uma pessoa melhor. Percebi que tentar refutar as crenças de outras pessoas era algo inútil, podendo até soar desrespeitoso, mas isso só ficou claro quando uma colega me acusou de estar infringindo o artigo 2º da Lei nº 20.451, que garante a proteção contra intolerância religiosa.

Aos dezessete anos, ingressei no curso de engenharia química, minha faculdade dos sonhos. Creio que foi nessa época que minha vida, de fato, mudou.

Comecei a morar no campus, onde conheci meu melhor amigo, Neil, um irlandês chapado.

Na graduação, publiquei dois artigos científicos; um deles me rendeu meu atual emprego na NASA, envolvendo o desenvolvimento de materiais nano tecnológicos para propulsão espacial. O outro foi roubado por um físico lunar ridículo.

Quando entrei para a ciência, achei que a era das mulheres serem rebaixadas ou ignoradas já havia ficado para trás, graças a Marie Curie, Caroline Herschel, Rosalind Franklin e muitas, muitas outras. Entretanto, ingênua era minha mente por ousar pensar algo relacionado. Isso ficou bem claro quando dediquei meses de pesquisa, dias, noites e madrugadas para o artigo dos meus sonhos, 'A Descoberta da Anomalia Gravitacional na Órbita Lunar', ser completamente preenchido por um único nome, Daniel Hawthorne.

Ele estava no mesmo ano de graduação, com a mesma porcentagem de auxílio, mas eu ousaria dizer que ganhei na autoria, já que a ideia fora inteiramente minha. Quando o artigo finalmente foi publicado, além de ter perdido a chance de palestrar em conferências de renome mundial e de receber um financiamento generoso para minhas futuras pesquisas, como o Dr. Hawthorne, perdi o respeito por ele. Perdi o respeito por todos os professores, chefes, doutores e engenheiros homens. Ele poderia ter editado aquela publicação e colocado "Annie Harrison".

Bom, que seja, já passou.

— Annie, está fuçando as notícias do Dr. Hawthorne de novo? — Assim que termina de perguntar, fecho o computador rapidamente.

— Não, por que estaria?

— Ainda bem que você é cientista, se fosse atriz, estaria ferrada. — Neil ri, se sentando no sofá.

Após a nossa graduação, decidimos continuar morando juntos, e foi uma das minhas melhores decisões.

Neil é neurocientista, também trabalha na NASA. Ao contrário de mim, ele publicou seu artigo sozinho, sem a ajuda de ninguém, com medo de que acontecesse o que aconteceu comigo. Tentei explicar que ele era homem e que isso não iria acontecer, mas ele quis se prevenir. E bom, deu certo.

— Ele está na Alemanha agora, palestrando sobre o *meu* artigo. — Me encosto na cadeira, derrotada.

— E você está trabalhando na NASA, com o seu projeto de materiais avançados para a construção de naves espaciais, que acaba de ganhar outra ala de pesquisa!

— Neil solta um grito animado, e não deixo de rir.

Na semana passada, recebi um e-mail dizendo que meus projetos sobre uma missão lunar de longa duração com o objetivo de estabelecer uma base sustentável na Lua foram aprovados. Estou tão animada; isso fará com que meu nome seja mundialmente conhecido.

Daqui a cinco dias, começaremos a montar a minha equipe, cuidadosamente selecionada pela NASA. Finalmente, vou poder me aprofundar em pesquisas que podem revolucionar a ciência.

— Tem razão, não sei por que me importo tanto com isso.

Ah, eu sei. Oh, como sei! Mas opto por esconder meu rancor de longa duração.

— Faz quanto tempo? Dois anos? — Ele pergunta.

— Vinte e oito meses. — Falo sem hesitação. São números bem enfatizados em minha mente.

— Pare com isso, já passou!

Havia algo em Neil que me irritava, ele era bom demais. Sempre perdoou muito fácil, até mesmo aqueles que não mereciam nem se insistissem, como sua mãe.

Neil tinha uma relação difícil com sua mãe, e isso agravou bastante quando começou a ganhar dinheiro com o trabalho o qual ela jamais apoiou. Ela dizia que o filho tinha a obrigação moral de lhe enviar uma certa quantia por ter investido nele.

Neil estudou em escola pública, passou no vestibular sem cursinho, fez faculdade com bolsa total e ainda trabalhou para comprar seus livros. Tirando um teto por dezessete anos, ela não fez nada além do que uma mãe é obrigada a fazer por lei.

Qualquer pessoa com o QI de Neil não daria atenção para essa mulher, mas como eu disse, ele é bom demais. Deu o dinheiro a ela depois de cinco minutos de conversa. Eu, por outro lado, tenho problemas em não relevar situações de um modo geral.

Um dia, uma menina no fundamental disse que meu trabalho de ciências estava feio. Rasguei o trabalho dela e saí da escola. No outro, minha mãe teve uma atitude feia. Peguei minhas coisas e saí de casa.

Para mim, as coisas são muito fáceis de resolver, e o melhor método para usar com as pessoas, é aquele que anula quem elas são para você.

Sempre funcionou.

Neil diz que eu vou acabar sozinha, mas como poderei se tenho octilhões de átomos me fazendo companhia?

— Luke nos chamou para ir à casa dele agora. Vamos?

— Neil perguntou, mexendo em seu celular com o modelo diferente da capinha. Aquilo me irritava em níveis preocupantes.

— Claro. Todos vão? — Questiono, esperançosa, recebendo uma afirmação logo em seguida.

— Óbvio. Luke, Katie e o Alex são praticamente órgãos, não conseguimos mais desgrudá-los de nós. — Ele brinca, me fazendo rir e lembrar que costumava falar para o meu irmão que gostaria que ele fosse um apêndice, para que eu pudesse retirá-lo e nem sentir falta.

Já fazia alguns meses que não o via e aquilo estava me incomodando pessoalmente e profissionalmente. De maneira resumida, estava me tirando do sério.

Nós sempre fomos bem próximos, mas não como se tivéssemos opção. Entretanto, desde que saí de casa, nossa relação praticamente quebrou ao meio.

Nos víamos em festas familiares e as vezes curtia seus posts no Instagram, mas creio que nunca mais nos olhamos com o mesmo carinho desde que tudo aconteceu. Bom, ele não olhou.

JJ se formou em cinema e vem produzindo alguns roteiros para grandes filmes. Ao contrário de mim, ele sempre teve um ótimo lado artístico, e fez aulas de teatro desde os seis anos. Uma verdadeira estrela, incompreendida quando pequena, mas definitivamente enxergada quando grande.

— Okay, vai ser legal. — Sorrio, me levantando da cadeira.

Vou para o meu quarto e percebo que a televisão estava ligada desde cedo. Também encontro alguns livros em cima da cama, os quais gostaria de dizer que possuem relação com o meu trabalho ou algo relacionado a estudo, mas são apenas romances baratos.

Uma playlist da Taylor Swift com Olivia Rodrigo e Harry Styles tocava na Alexa, e posso enfim ter a certeza de que nunca deixei de ter quinze anos.

Meu computador está aberto em minha página de e-mail, ainda preciso terminar de escrever para MIT, minha antiga universidade, que agora me convidava para palestrar. Depois eu resolvo isso.

Coloco um moletom e prendo meus cabelos, pegando meu celular e a chave do carro.

— Vai ser noite de pizza? — Neil pergunta, já levantando e indo comigo até a porta do apartamento.

— Se vocês pagarem, vai. — Sorrio, fazendo-o rir.

— Você tem o maior salário!

— Temos salários iguais! — Dou risada, sendo acompanhada por ele enquanto descemos os dois lances de escada.

Eu e Neil nos identificamos logo de cara na faculdade, não apenas pelos mesmos gostos ou pela mesma cor dos olhos, mas por nossos problemas. Sabíamos lidar com eles em conjunto, arranjar soluções, fazer prós e contras, apresentações no Power Point e planilhas.

Eu gosto de pensar que somos uma versão melhorada de nós mesmos juntos, como se nos completássemos. Não acredito em almas gêmeas, mas acho que dois sistemas nervosos podem se conectar de vez em quando.

Quando entramos na universidade, até o início do nosso estágio tínhamos um único carro, o qual nós dois parcelamos em quarenta vezes e pagamos de maneira

dividida. Era um carrinho usado e praticamente caindo aos pedaços, mas para jovens que só possuíam uma renda de 60 dólares devido a monitoria que fazíamos para os alunos burros, era um grande negócio.

Hoje em dia, temos dois carros, e é bom esclarecer que não são usados, mas sinceramente? Não vejo tanta diferença, ambos me levam para os lugares sem eu precisar me mexer.

Conhecemos o Luke no terceiro período da faculdade, foi um verdadeiro milagre científico esbarrarmos com ele em meio dos corredores, principalmente por ele ser um neurobiólogo. Engenheiros não se misturam com neurobiólogos, microbiólogos ou zoologistas, não apenas pelos prédios serem separados, mas há um grande preconceito entre os cientistas com determinadas áreas.

Luke é mais velho, então terminou o curso dois anos antes que nós, e optou por não fazer pós-graduação, após receber a proposta de seu atual emprego como pesquisador na Universidade de Washington.

Neil tem uma quedinha por Luke há anos, mas como um bom garoto, com medo de estragar as coisas, ele nunca falou o que sentia. Creio que isso continuará para sempre e, infelizmente, é uma situação que eu não posso intervir.

Já havíamos feito os prós e contras e, pela primeira vez, um completo empate, mas como cientista, qualquer probabilidade acima de zero é uma porcentagem. Não

que zero não seja uma, ou 0,000001 não seja também, mas em questões pessoais, porcentagens acima de dez costumam ser mais significantes. E para Neil, nada além do cem por cento importaria naquela situação.

Katie conhecemos por um completo acaso, e é a única fora da ciência em nosso grupo social. Ela cursou ciências políticas na universidade de Virginia, e provavelmente ganha o triplo do nosso salário. Às vezes me pergunto se valeu realmente a pena ter feito engenharia química... Valeu, com certeza.

Conhecemos Katie por conta de Alex, nosso amigo físico do segundo grau, que começou a sair com uma garota misteriosa e ansiou por nós conhecermos a tal.

De maneira resumida, somos em cinco. Um físico, um neurocientista, um neurobiólogo, uma engenheira química e... Eu realmente não sei o que a Katie faz, mas deve ter a ver com algo relacionado a palestras, relações internacionais e campanhas políticas.

Alex e Katie estão noivos, Neil e Luke são enrolados e eu observo todos, me divertindo com a vida amorosa alheia. Me parece mais confortável desse modo.

— Sabe de uma coisa? — Neil pergunta, colocando música no rádio. Já estávamos chegando no apartamento de Luke, não morávamos muito longe, nenhum de nós.

— Sei de algumas, mas não deve ser a que quer me contar. — Respondo, o vendo revirar os olhos.

— Vou falar sobre o que eu sinto para o Luke hoje! —
Foi a minha vez de revirar os olhos.

— Você sempre diz isso.

— É, mas em alguma dessas tentativas eu conseguirei!
Pare de ser rabugenta. — Sorrio quando começa a tocar
Head Over Heels.

Quando vejo, eu e Neil já estamos aos berros em frente
ao nosso destino.

O carro de Alex está bem em frente ao nosso, então
fomos os últimos a chegar, como de costume.

Já devia ser umas sete horas da noite, e a temperatura
fora do carro sem quatro casacos não estava nada
agradável.

Depois do porteiro nos liberar, seguimos para o
elevador.

— Eu realmente sinto inveja do elevador deles. — Neil
reclama, emburrado.

— E esses porteiros! Sério, precisamos nos mudar.

— Mas, por outro lado, eu gosto da nossa casinha. —
Ele contradiz.

— O mais interessante que temos na estrutura é um
extintor de incêndio, Nei, e é literalmente crime
edifícios que não possuem.

— Pois é, mas realmente quer encarar uma mudança
no meio do ano? Caixas, mobília, papelada...

— Sei o que está fazendo. — Era sempre assim, Neil reclamava do apartamento, eu dava a iniciativa de nos mudarmos e ele andava para trás, e logo em seguida me enchia de motivos para achar que ele estava certo. E bom, ele está. Nunca, jamais quero lidar com isso, mas em algum momento, não teremos escolha.

— Apenas te poupando de um Natal com colchões infláveis.

A porta do elevador se abre e nem precisamos tocar a campainha ao chegar, já que eles abrem rapidamente.

— Finalmente, *porra!* — Alex comemora e nos abraça forte, como sempre. Ele havia raspado seu cabelo no começo do ano, pois acreditava que um careca musculoso é muito mais sexy do que apenas um musculoso. As vezes desconfiávamos se ele realmente era um físico teórico.

Agora seu cabelo já estava um pouco maior, mas suas entradas com esse novo penteado ficavam bem mais evidentes, e obviamente eu disse isso a ele.

— Se perderam no caminho? — Luke aparece, com um moletom velho do MIT e seu cabelo ruivo recém penteado.

— Engraçadinho. — Falo, o abraçando, pegando a taça em sua mão em seguida.

— Annica! — Ao ouvir o apelido, já reviro os olhos rindo.

— Katie. — Eu a abraço.

Seus cabelos pretos e curtos estavam em um lindo penteado, com apenas dois punhadinhos de fios presos atrás da cabeça com um laço preto.

— Pedimos as pizzas, mas como bons amigos, esperamos vocês para comermos — Luke fala, se sentando no pufe amarelo. Me sento no sofá branco junto a Alex, que usa meu colo de travesseiro para os pés.

Katie e Neil se sentam no chão, mas não como se odiassem isso. Amavam sentar no carpete e deitar de várias formas diferentes como crianças hiperativas. Bom, boa parte de nós devia ter algum transtorno de hiperatividade, o que torna isso literal.

— Eai, quando vai começar o seu projeto da base sustentável na Lua, criança louca? — Alex pergunta.

— Semana que vem vão divulgar os profissionais que vão trabalhar comigo, eu estou tão ansiosa!

— Isso vai ser incrível! Você vai ajudar, Nei? — Luke questiona.

— Na verdade não, além de definitivamente não ser a área que eu costumo trabalhar, estou muito comprometido com o Dr. Phells e a minha pesquisa em relação a exposição prolongada ao ambiente espacial e como isso afeta o sistema nervoso central. — Neil responde, sorrindo. Ele estava muito feliz trabalhando nisso. — Sua vez, Alex.

Todos começamos a rir. Físicos normalmente ficam em um mesmo projeto por muito tempo, devido questões muito complexas e resolvê-las pode levar anos ou até décadas de pesquisa contínua.

— Muito engraçado. — Ele diz, sério, mas ri em seguida. — Fale para nós, Luke.

— Aplicação de células-tronco e terapias avançadas para tratar condições neurológicas.

— Você está virando eu, já é o segundo ano no mesmo projeto! — Alex brinca.

— São muitas condições, como lesões na medula espinhal, doença de Alzheimer e Parkinson! — Luke se defende, rindo conosco.

— Chega desse papo nerd! Vocês sabem como eu fico excluída quando falam sobre seus trabalhos. — Katie reclama.

— Ah, que falta de consideração com o seu trabalho superimportante, querida. — Sim, nós cientistas somos cruéis, definitivamente. Por sorte, a Katie sabia disso antes de se envolver.

— Babacas! — Ela revira os olhos. — Vamos falar sobre coisas interessantes. Annie, alguma atualização na vida amorosa? — Ela pergunta, esperançosa. Antes que eu pudesse responder, Neil começa a rir.

— Hoje a peguei vendo as fotos do Daniel Hawthorne de novo. Então, não, nenhuma atualização!

— Sério, Annie?!

— Não é bem assim! Eu estava vendo o quanto ele estava se beneficiando às custas do meu artigo! — Me defendo.

— Meu Newton, isso já faz anos! — Luke reclama.

— Fala isso para as cinquenta palestras que ele fez no oriente médio. — Retruco, vendo Katie rir e colocar a mão em minha perna, me reconfortando.

— Conheceu alguém interessante? — Ela pergunta.

— Hum... Não. — Tento pensar em alguém, mas não é como se eu tivesse uma vida sexual ativa. Digo, não sou a virgem Maria, mas é difícil arranjar tempo em um trabalho integral!

— Precisamos urgentemente levar a Annie em um puteiro! — Alex conclui, nos fazendo rir.

— E você, Luke? Conheceu alguém? — Neil pergunta descaradamente, fazendo eu e Alex nos entreolharmos.

Todos do grupo já sabiam da queda de Neil pelo ruivo, até porque o irlandês nunca foi muito discreto, mas Luke era imensamente lerdo, o que tornava aquela relação de comunicação um verdadeiro paradoxo.

— Não, não tive muito tempo fora do laboratório.

— Por que ele vocês escutam, e quando falo isso, me mandam calar a boca? — Questiono, perplexa.

— Ele realmente fica no laboratório por necessidade, você tem um cargo bem acima, fica lá por opção! — Alex explica.

— Não é como se eu tivesse todos os dias de folga!

— Annie, vamos lá, você é assim desde a faculdade. — Luke diz, retirando a tampa da caixa de pizza.

— Ele tem razão, você deixa sua vida amorosa de lado há anos.

— Não é como se fosse o ponto mais importante do meu cotidiano. — Respondo, vendo Alex erguer a sobrancelha concordando, recebendo uma almofadada de Katie.

— Agora vamos perguntar aos noivos, o que acham dessa frase dita por Annie Harrison, incorporando o pessimismo de Schopenhauer? — Neil pergunta.

— Sinceramente, certíssima.

— Cale a boca, Alex! — Katie exclama, fazendo Neil gargalhar.

— E como estão os preparativos para o casamento? — Falo, tentando desviar o assunto.

— Lentos. — Ele responde. — Katie sempre está viajando por conta do trabalho e minha carga horária esse ano está mais sobrecarregada, acabamos não tendo tempo de organizar e muito menos de marcar.

— Podemos preparar o casamento! — Luke responde.

— Não sei se quero átomos desenhados em meus guardanapos, pessoal. — Katie reclama.

— Mas seria incrível! — Contradigo.

— Annie está certa, podemos colocar átomos nos guardanapos e equações nas toalhas de mesa. — Neil continua.

— Sendo assim, quero uma referência do meu trabalho também. — Katie pede, e de repente um silêncio se instaura. E então, descubro que não era só eu que não fazia a menor ideia do que nossa amiga trabalhava. Quando pensava em sua profissão, a imaginava apertando a mão de algum presidente, mas isso me parece pouco provável. — É sério? Eu sou o órgão principal nas relações das empresas multinacionais! — Todos nós soltamos um som de entendimento em conjunto.

— Colocamos a logo de alguma empresa então. Tem alguma favorita? — Neil pergunta, recebendo um tapinha de Katie.

— Vocês não vão preparar meu casamento!

Pego uma pizza de pepperoni e começo a comer devagar. Ao meu lado, Alex enfiava uma pizza de queijo inteira na boca, parecia algum tipo de meta para ele conseguir aquilo sem engasgar-se.

Katie já estava na pizza doce, mas não é uma grande novidade, ela sempre comia o salgado depois, algo constantemente refutado por nós. Neil comia a sua com garfo e faca, ele tinha uma certa agonia de comidas oleosas em sua mão.

Luke já devia estar em seu quarto pedaço, mas agora se dedicava mais em beber sua cerveja recém-aberta. Todos nós estávamos com uma bebida em mãos, exceto Katie, já fazia um tempo que ela havia optado por parar de beber.

A noite correu bem, com mais de cinquenta assuntos que haviam sido acumulados em torno dessas duas

semanas sem nos vermos. Quinze dias era um recorde para nós, durante a graduação, nos víamos todos os dias, sem exceção.

Normalmente, nossas visitas acontecem no apartamento do Luke, mas não é uma regra. As vezes iam no nosso, e raramente no de Alex e Katie por conta de seu Golden, aquele cachorro cagava igual a um cavalo, além do resto de nós ser completamente alérgicos a cães.

Também íamos em restaurantes ou cinema, mas éramos muito introvertidos para isso se tornar frequente, então deixávamos para datas comemorativas, como aniversários e ano novo. Sim, passávamos o ano novo juntos.

Não sei dizer quando foi que essa tradição começou, mas os natais, anos-novos, ação de graças e todo o resto sempre passávamos juntos. Creio que isso iniciou após conhecermos Katie, já que todos, menos ela, são ateus ou agnósticos.

Nós moramos longe de nossas famílias, então não temos muitas escolhas, a não ser um ao outro. Alex veio do Arizona, a família de Neil ainda morava na Irlanda, a de Luke na Califórnia, Katie na Virginia e eu vim da Inglaterra.

Por incrível que pareça, realmente nos dedicamos nesses feriados. Temos uma grande ceia e até fazemos uma oração pela Katie, agradecendo no Ação de Graças. Funciona bem e, não posso negar, é bem agradável.

Depois de comermos igual porcos, eu e Neil já estávamos a caminho de casa, e quando chegamos, dormimos como pedras. Pensamos em ficar na casa de Luke, devido ao horário, mas foi uma ideia rapidamente descartada pois Neil estava completamente bêbado, e jamais nos perdoaria se o deixássemos falar algo relacionado a sua paixonite.

No dia seguinte, acordo com o meu despertador estridente as sete da manhã. Quando me levanto, percebo que Neil já havia saído.

Olho meu e-mail, estranho por não terem me mandado alguns dos cientistas que farão parte da minha equipe, já que a instrução dizia que ao menos dois deles já teriam sido escolhidos hoje.

Tomo um café e vou direto para o laboratório.

No caminho, mando uma mensagem para o meu irmão.

*Hey, espero que esteja dando tudo certo por aí!
Começarei a organização do meu novo grande projeto
hoje, me deseje sorte. Sinto sua falta.*

Com amor, Annie.

Recebo uma de Neil também, enviada as seis da manhã de hoje.

*Passei muito mico ontem???? Me encontra no almoço,
quero passar no Subway.*

Quando chego, estaciono e subo direto para o meu andar. Provavelmente parei o carro extremamente

torto, mas trigonometria nunca foi o meu forte, além de ser uma motorista bem mediana.

Cumprimento alguns funcionários no caminho e não esqueço de colocar um jaleco antes de entrar no laboratório. Consigo avistar umas três pessoas dentro, uma tinha a certeza de que era meu superior, as duas outras não fazia a menor ideia, um era um completo estranho, e o outro estava de costas.

— Doutora Harrison! Estávamos aguardando sua chegada. — John fala, com um grande sorriso no rosto.

— Desculpe se me atrasei. — Me adianto antes de qualquer sermão.

— Não se preocupe. Venha, se junte a nós e conheça seus dois novos doutores assistentes nessa pesquisa. — Caminho até eles, sorrindo.

Quando os meus olhos cruzam com a assombração em minha frente, sinto meus pés perderem a força. Preciso me esforçar para permanecer de pé. Minha pressão provavelmente teve uma queda brusca, porque meu coração acelerava cada vez mais e minha visão ficava turva.

Seus olhos eram os mesmos, com aquele brilho arrogante ridículo e o sorriso de canto, como se estivesse me desafiando.

Todos os pelos do meu corpo estavam arrepiados, e eu podia jurar que o encarava há horas.

— Esse é o Dr. Turner, engenheiro de materiais nano tecnológicos. E esse, imagino que já se conheçam, pois

li em seu histórico que fizeram pós-graduação juntos, Dr. Hawthorne.

Me força a me recompor e faço minha expressão mais normal para tal ocasião. Além de não querer que Daniel perceba que seu objetivo de me surpreender havia dado certo, não queria assustar o Dr. Turner, ele parecia ser mais novo e provavelmente era o seu primeiro trabalho em qualquer instituição de grande renome.

Aperto a mão de Turner e tento me focar nele, sorrindo.

— É um prazer, tenho certeza de que vamos nos dar muito bem. — Falo calmamente, procurando acalmar o garoto claramente nervoso. — Dr. Hawthorne. — Digo, fazendo uma breve reverência com a cabeça, a expressão mais séria do que aquele emoji com a boca desenhada em linha reta.

— Harrison, é um prazer revê-la. — O ódio ainda mais quando não me chama de doutora. Será que ele acha que não sou digna de tal nomenclatura? Assim como não era digna do meu sobrenome em um artigo inteiramente meu?

Provavelmente já estava vermelha de tanto prender a respiração, mas era isso ou dar um soco naquela cara estúpida.

Seus olhos verdes refletiam apenas um grande ser soberbo, e seu sorriso de lado confirmava que ele fazia tudo aquilo de propósito e que claramente era o seu plano me desestabilizar em meu outro grande trabalho. Mas eu não tinha mais vinte anos, ele não iria conseguir nada vindo de mim.

— Bom, creio que já receberam suas respectivas ações para contribuírem com esse projeto. — Tento reforçar ao máximo o “contribuírem” em meu tom de voz. — Não vou atrapalhar vocês, têm muito a se ajeitar por aqui. Estarei no laboratório ao lado, caso precisem de algo. — Falo rapidamente para não abrir nenhuma deixa para quaisquer pergunta ou questionamento.

Saio do local e sorrio forçadamente para John.

Assim que passo pela porta, meus pés correm rápido para o meu escritório, e é questão de tempo para eu iniciar uma ligação com Neil, o qual não atende. Tento o Luke, mas seu celular sempre fica desligado quando está no trabalho, então passo para o Alex, que atende rapidamente.

— Está tudo bem? — Ele parecia preocupado, o que não era de menos. Eu nunca ligava em horário de expediente, na verdade, eu nunca nem ligava. Odiava ligações.

— Não. — Minha voz sai ofegante, e meus olhos já sentiam vontade de lacrimejar.

Poderia parecer idiota, mas tudo aquilo que estava acontecendo, só havia servido para eu resgatar tudo o que tive que lutar para tentar esquecer.

Ser uma mulher na ciência era incrível, mas um sentimento que ultrapassava o amor que eu possuía pelo meu trabalho, era a insegurança de não ser boa o suficiente nele, algo que era constantemente reforçado quando um homem conseguia me excluir do meu próprio projeto.